

SESSÕES DO PLENÁRIO

4ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 10 de março de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELINO GALO (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial com a finalidade de fazer a entrega da Comenda 2 de Julho ao sociólogo Juca Ferreira, decorrente da aprovação do projeto de autoria do deputado Marcelino Galo.

Convido para compor a Mesa a Srª Deputada Estadual Maria del Carmen; a Srª Deputada Estadual Fabíola Mansur; o Sr. Superintendente de Desenvolvimento Territorial de Cultura, Elissandro Magalhães, representando o governador do Estado neste ato; o magnífico reitor da Universidade Federal da Bahia, professor João Carlos Salles; o magnífico reitor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Sílvio Soglia; o Sr. Desembargador do Tribunal de Justiça Ivanilton Santos da Silva; o vereador da cidade de Salvador Sílvio Humberto; o diretor-geral da Fundação Pedro Calmon, Zulu Araújo; o diretor-executivo do IRDEB, Flávio Gonçalves; o Sr. Diretor do Museu de Artes da Bahia, Pedro Arcanjo. (Palmas)

Solicito às deputadas Maria del Carmen e Fabíola Mansur e ao vereador Sílvio Humberto que conduzam o homenageado, o ex-ministro Juca Ferreira, a este recinto. (Palmas)

Convido todos os presentes a ouvir a execução do Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Convido a deputada Maria del Carmen para que ela possa assumir a presidência desta sessão.

A Srª PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Concedo a palavra ao proponente da sessão, deputado Marcelino Galo, no momento em que o parabenizamos pela iniciativa da concessão da medalha ao ex-ministro Juca Ferreira.

O Sr. MARCELINO GALO:- Quero saudar a todos e todas que atenderam a esse convite para, mais uma vez, fazermos uma homenagem a nossos ícones que trabalham o mundo cultural. Falo da importância não só da homenagem pessoal, mas que também possamos ter atos políticos de reforço, principalmente das políticas públicas de orçamento para a nossa cultura. E hoje, sem dúvida alguma, fazemos esta homenagem a um dos mais ilustres baianos que teve e tem essa capacidade de unir a

formulação e a gestão. Então, estamos diante do Sr. Juca Ferreira, um dos maiores gestores e formuladores de políticas públicas para a cultura no nosso País e no nosso Estado. (Palmas)

Quero iniciar saudando as deputadas Maria del Carmen e Fabíola Mansur; o Sr. Superintendente, o companheiro Alessandro, neste ato representando o governador Rui Costa; o nosso grande e Magnífico Reitor João Carlos Salles, ali sentado ao lado também de outro grande reitor, o Sílvio Soglia, que neste momento histórico passa por dificuldades que haveremos de superar; o Sr. Vereador de Salvador, este grande companheiro e figura ímpar na Câmara de Vereadores, Sílvio Humberto, precursor da luta do Movimento Negro neste Estado; o diretor geral da Fundação Pedro Calmon, Zulu Araújo, também grande companheiro; e o Sr. Diretor do Museu de Arte da Bahia, Pedro Arcanjo. Então, Pedro Arcanjo e Zulu, contemporâneos nossos de movimento estudantil, um sangue novo e o outro do Movimento pela Emancipação do Proletariado. (Palmas, muitas palmas.)

Por fim, saúdo o nosso homenageado, o grande conhecido de todos nós, este homem da cultura e de cultura, o nosso ex-ministro, ex-secretário, ex-militante das causas políticas da Esquerda armada e hoje militante da consciência. Então, tanto durante aquele momento em que precisávamos de uma ação incisiva quanto hoje, este homem da cultura tem muito colaborado para o nosso processo civilizatório: Juca Ferreira. (Palmas)

Bem, neste momento, é bom a gente falar de forma mais sistematizada para não esquecer os períodos importantes da participação do nosso homenageado em nossa história. Nós temos de apresentar um pouco os seus feitos e a sua trajetória política de vida que justificaram esta Casa fazer esta homenagem ao nosso comendador.

(Lê) “Em janeiro de 2003, em seu discurso de posse no Ministério da Cultura, Gilberto Gil nos legou preciosas lições sobre a cultura e advertiu que ninguém iria ouvi-lo falar em 'folclore'.

Àquela ocasião, disse Gil que: ‘os veículos e os vínculos entre o conceito erudito de ‘folclore’ e a discriminação cultural são mais do que estreitos, são íntimos. ‘Folclore’ é tudo aquilo que, não se enquadrando, por sua antiguidade, no panorama da cultura de massa, é produzido por gente inculta, por ‘primitivos contemporâneos’, como uma espécie de enclave simbólico, historicamente atrasado, no mundo atual. Os ensinamentos de Lina Bo Bardi me preveniram definitivamente contra essa armadilha. Não existe ‘folclore’; o que existe é cultura’.

Cito esse discurso de Gil não somente por sua importância no campo teórico, acadêmico, conceitual, mas porque ele marca o início de uma revolução nas políticas públicas de cultura no Brasil. Nele, um ministro de Estado quebrou velhos paradigmas, ressignificou o entendimento oficial sobre a cultura e iniciou um processo de estruturação do que mais tarde se transformou em um marco verdadeiramente histórico: a construção de uma Política Nacional de Cultura, fruto de um amplo e frutífero processo democrático com a participação efetiva da sociedade brasileira.

Qualquer um ou qualquer uma que estude a evolução das políticas culturais no

Brasil terá, obrigatoriamente, de pesquisar esse grande salto histórico. E quem o fizer, esse saberá que dele fez parte, como uma figura pujante deste processo evolutivo, o baiano Juca Ferreira que, a convite de Gil, tornou-se o secretário executivo do Ministério da Cultura e, mais tarde, por duas vezes, ministro da Cultura.

Não é, portanto, um exercício retórico dizer que Juca Ferreira é um dos demiurgos do que ocorreu de mais ousado e estruturante nas políticas públicas de cultura depois de Getúlio Vargas.

Foi a partir das posses de Gil e de Juca que o Estado brasileiro ressignificou a cultura e os mecanismos de produção e de democratização do acesso à cultura ao entender os valores materiais e os valores simbólicos do nosso povo mas não sem, antes, enfrentar velhos feudos que teimavam em reivindicar a primazia sobre os recursos públicos destinados à cultura.

Juca, nós recordamos da grita daqueles que monopolizavam os recursos da cultura e, quando deparados diante da democratização deles, de imediato acusaram o Ministério de 'dirigismo cultural'. Que ironia, quando os recursos eram dirigidos sem nenhum debate para eles e somente eles, não havia 'dirigismo'. O cinismo é, portanto, um legado cultural da nossa elite.

Assim, como disse Gil, o Estado brasileiro passou a entender 'a cultura como tudo aquilo que, no uso de qualquer coisa, se manifesta para além do mero valor de uso. Cultura como aquilo que, em cada objeto que produzimos, transcende o meramente técnico. Cultura como usina de símbolos de um povo. Cultura como conjunto de signos de cada comunidade e de toda a Nação. Cultura como o sentido de nossos atos, a soma de nossos gestos, o senso de nossos jeitos'.

Hoje, nesta Casa, o Parlamento baiano, outorga ao sociólogo Juca Ferreira a Comenda Dois de Julho por sua contribuição para o desenvolvimento das políticas públicas de cultura, o faz por entender a cultura como o homenageado entende: um valor constitutivo da própria democracia.

Não é por acaso que um dos primeiros atos dos golpistas que tomaram de assalto o Estado brasileiro foi anunciar o fim, a morte do Ministério da Cultura. Porque a cultura é a mais poderosa arma de resistência democrática. Foi assim na ditadura militar e foi assim agora. Está gravado em bronze em nossa história, não podemos nos esquecer. A mobilização pronta e vigorosa de artistas, produtores culturais e gestores públicos que ocuparam as unidades do Ministério da Cultura em todo o país, e resultou na primeira derrota do governo golpista que recuou, diante desta força simbólica e sua capacidade de sensibilizar e mobilizar a sociedade para a luta democrática. (Palmas)

Portanto, peço licença aos convidados, as autoridades presentes e ao nosso homenageado para aqui, do alto desta tribuna, registrar: enquanto houver vida, enquanto produzirmos cultura haverá resistência. Fora Temer! Diretas Já!”

(Gritos da plateia de “Fora Temer!”)

“A Bahia, com sua diversidade, seu patrimônio cultural e humano, tem um papel fundamental para a redistribuição do poder simbólico e político no Brasil. Por

compreender isso, Juca, apresentamos algumas proposições legislativas e diversas ações culturais neste Parlamento

Porque acreditamos que precisamos assegurar algumas conquistas. Entre elas, apoiar a efetivação da Política Estadual do Livro e da Leitura. Se é verdade que é fundamental e prioritário formar novos leitores, é também verdade que a Bahia precisa ler a si mesma. Precisamos assegurar um percentual de livros didáticos e de literatura escritos por baianas e baianos nos acervos das escolas e bibliotecas do Estado. Os autores baianos precisam ser lidos pelos baianos e baianas. Alavancar a economia produtiva do livro e o mercado editorial baiano é uma questão estratégica. Para isso, reafirmo aqui a necessidade de se estabelecer, em lei, um percentual de livros escritos por autores baianos e lançados por editoras baianas. A Revolta dos Malês não pode ser uma nota de fim de página de um livro produzido por uma mega editora poderosa, mas que não representa a nossa identidade. A Bahia precisa se ver e se ler.

A defesa da cultura popular, dos grupos de arte de rua e o direito de fazer arte de rua e na rua. A lembrança e o registro das datas históricas, como o dia 7 de janeiro de 1823, que por conta de um projeto de nossa autoria foi recentemente transformado em lei, fazendo agora parte de nosso calendário de datas históricas. Porque foi nesse dia que os habitantes de Itaparica resistiram à investida dos portugueses, com armas de fogo, facões e pedaços de pau, não permitindo que desembarcassem para se abastecer de mantimentos, dando uma contribuição fundamental para a independência do Brasil.

Saliento também o papel fundamental das emissoras públicas de rádio e TV, com o destacado papel do IRDEB na democratização do acesso a cultura e da comunicação...” Está aqui Flávio, o nosso diretor.

“(...) Não poderia esquecer o Bloco do Galo, que em 2017, em seu oitavo ano, teve como tema os 100 anos da Revolução Russa e os 50 anos da Tropicália. Porque a política está também no Carnaval, disputando seu formato, sua renda, seu público, seu conteúdo, seus atores e seus temas. E é preciso respeitar e compreender a relação profunda que há entre essas festividades e o nosso povo.

Depois desses registros, volto aqui a falar de nosso homenageado. João Luiz Silva Ferreira, o nosso Juca Ferreira, nasceu em Salvador em 31 de janeiro de 1949. Líder estudantil secundarista foi eleito presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) em 1968. Com o golpe militar e a decretação do AI-5 a UBES foi fechada e Juca Ferreira, como é conhecido, participou da resistência ao regime militar até se exilar no Chile, na Suécia e na França. Na Suécia estudou Línguas Latinas na Universidade de Estocolmo. Na França estudou Ciências Sociais na Universidade de Paris – Sorbonne, onde se formou.

De volta ao Brasil, trabalhou como assessor especial da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) e desenvolveu diversos projetos na área da Cultura.

Em 1981, começou sua atuação na área ambiental como militante em movimentos do setor e, em 88, filiou-se ao Partido Verde.” Já saiu, hoje é filiado ao Partido dos Trabalhadores. Nos anos 90, foi secretário municipal de Meio Ambiente,

em Salvador, e presidente da Associação Nacional de Municípios e Meio Ambiente (ANAMMA). Também participou da criação de um dos primeiros movimentos socioambientais da Bahia, o SOS Chapada Diamantina.

No início dos anos 90, participou da construção de um dos primeiros projetos de arte-educação do Brasil, o Projeto Axé, voltado para crianças e adolescentes em situação de risco social. Ferreira incluiu a dimensão cultural nas ações socioeducativas do Axé, hoje considerada uma das mais importantes características desse projeto.

Durante 5 anos, participou como representante da sociedade civil na Agenda XXI Nacional e, no ano de 2004, integrou o grupo de elaboração da Agenda XXI da Cultura, em Barcelona, na Espanha.

De 93 a 97, desenvolveu uma das mais reconhecidas ações socioambientais da Bahia, o Jardim das Folhas Sagradas, projeto eco-antropológico com as comunidades dos terreiros de candomblé.

Foi vice-presidente da Fundação Movimento Onda Azul, cujo presidente era o músico Gilberto Gil. Foi eleito duas vezes vereador do município de Salvador, de 1993 a 1996 e de 2000 a 2004.

Durante sua última legislatura como vereador, em 2003, foi chamado pelo ministro Gilberto Gil a assumir o cargo de Secretário-Executivo do Ministério da Cultura, onde permaneceu durante os cinco anos e meio da gestão de Gilberto Gil, que pediu exoneração do cargo no final de julho de 2008 por motivos pessoais.

Em agosto do mesmo ano, foi convidado pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para assumir o cargo de Ministro de Estado da Cultura, empossado no dia 28 de agosto. Ficou à frente do MinC até o final do Governo Lula.

Em 2011, coordenou, pela Secretaria-Geral Ibero Americana, a realização do Ano Internacional dos Afrodescendentes e depois assumiu a Secretaria de Cultura do Município de São Paulo, na gestão de Fernando Haddad. Em 2015 foi convidado pela presidenta Dilma Rousseff para ser o novo Ministro da Cultura, cargo que exerceu até o golpe de estado midiático, parlamentar e judiciário.

O baiano Juca Ferreira é nacionalmente reconhecido pelo seu papel na formulação e implementação de diversas políticas públicas de cultura e meio ambiente, por sua competência na gestão pública e sua resistência democrática. Para ele devemos entender a cultura não só como fato simbólico, mas como um direito de todos os brasileiros.' Por tudo isso, Juca Ferreira agora recebe a Comenda Dois de Julho.”

A Bahia muito lhe deve, Juca. Seu legado agora é parte de nosso processo civilizatório.

Viva o povo brasileiro!

Viva a democracia!

Viva o comendador da cultura, Juca Ferreira!” (Palmas)

(Aplaudido de pé)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço à nossa deputada Maria del Carmen.

Gostaríamos aqui de registrar algumas presenças e pedir desculpas por a Mesa não comportar, mas registrar aqui a presença de Edvaldo Boaventura, vice-presidente da Academia de Letras da Bahia; do major PM José Ricardo de Jesus Pita, representando aqui o Comando-Geral da Polícia Militar, o coronel Anselmo Brandão; o tenente-coronel Sanderson de Castro Almeida, representando o Comando do Corpo de Bombeiros; Rogério Farias Tavares, da Academia de Letras de Minas Gerais; Rose Lima, diretora artística do Teatro Castro Alves, 50 anos de teatro. Viva o teatro Castro Alves! Marcolino Canaver, do Instituto Avançado USP; Ailton Ferreira, assistente especial da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Estado; Jerônimo Rodrigues, secretário de Desenvolvimento Rural; professora Verbena Mourão Lopes, da Uneb, representando aqui o reitor Bites. Depois daremos sequência.

Ouviremos agora uma intervenção poética com Douglas de Almeida.

(Declamação de poesia pelo Sr. Douglas de Almeida.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço ao nosso poeta.

Recebemos várias cartas, de várias personalidades. Como não haverá tempo de ler todas, vamos disponibilizá-las na rede. Lerei algumas agora, porque são muito importantes: (Lê) “Parabéns a Juca Ferreira e parabéns a todos nós baianos pelo reconhecimento que a Assembleia Legislativa da Bahia faz a Juca que, sem dúvida alguma, tem prestado serviços elegantíssimos à vida política, à vida cultural, à Bahia, não só à Bahia, mas ao Brasil. Enfim, em boa hora chega esse prêmio, esse reconhecimento. Mais uma vez, nossos parabéns a Juca.

Rio de Janeiro, 09 de março de 2017.

Gilberto Gil.” (Palmas)

A segunda carta diz: (Lê) “Na sua passagem por São Paulo, esse ilustre baiano, nosso sempre Ministro da Cultura, Juca Ferreira, transformou nossa cidade numa vitrine de toda riqueza cultural do país.

Todas as linguagens e gêneros receberam atenção e todos os coletivos culturais.

São Paulo pulsa cultura até hoje e para sempre. São Paulo ficou mais brasileira por sua causa. Axé meu irmão, Juca Ferreira. Foi uma honra tê-lo conosco. São Paulo no te esquecerá!”

São Paulo, 09 de março 2017 Fernando Haddad.” (Palmas)

Vou ler agora uma mais especial ainda: (Lê) “É mais do que justa essa homenagem ao Juca Ferreira, que foi meu companheiro no governo. Juca foi um ministro que levou muito a sério a ideia que a cultura se faz com políticas públicas voltadas para toda a população. Ele trabalhou duro para que o acesso à cultura fosse um direito de todos e entendeu como poucos que a educação é um dos pilares de uma

nação mais rica, em todos os sentidos: Juca Ferreira fez um trabalho excepcional e ainda hoje é um lutador incansável. Um baiano ilustre como ele merece o reconhecimento de um estado tão ilustre e rico culturalmente como a nossa querida Bahia.

São Paulo, 09 de março de 2017

Luiz Inácio Lula da Silva.” (Palmas)

(O Plenário se manifesta dando vivas e cantando.)

Eu queria também registrar a presença do nosso grande baiano e cantor Gerônimo muito obrigado; Ailton Ferreira, irmão de Juca; Yulo Oiticica, ex-deputado; Gordo Neto, diretor teatral; Dulce Aquino, da Escola de Dança da UFBA; Dr. Jorge Cerqueira, presidente do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciência Afins; Welton Luiz, chefe de Gabinete do INEMA; Daniel Colina, do Instituto dos Arquitetos do Brasil; Jorge Baptista Carrano, conselheiro Estadual de Cultura; Marcos Sampaio, assessor do deputado federal Jorge Solla; Lia Robatto, coreógrafa; Val Macambira, músico, cantor, compositor; Raimundo Coutinho, secretário Estadual de Combate ao Racismo do PT/Bahia; nossa querida Eliana Rolemberg; Juarez Paraíso; Cláudio Mascarenhas, do Grupo Gern.

Nós gostaríamos de convidar a esposa do homenageado, Celina Cerqueira, para que, em nome do Poder Legislativo, possamos passar às mãos do homenageado, o sociólogo Juca Ferreira, a Comenda Dois de Julho, que lhe concede a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

(Entrega da Comenda)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Eu tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso homenageado, o sociólogo Juca Ferreira.

O Sr. JUCA FERREIRA:- Bom-dia a todos e a todas, quero agradecer pela presença de todos, não vou poder citar um por um, mas muitas histórias de batalhas culturais e políticas que travei estão aqui presentes. Não é, Gerônimo? Gerônimo está elegante hoje, estou impressionado! *New look*, não é?

Querida, primeiro, agradecer e saudar o deputado Marcelino Galo, não é todo dia que reconhecem uma trajetória e um trabalho feito, principalmente na política. Eu tenho 68 anos e nunca tinha visto a política em um nível tão baixo e tão depreciado como temos neste momento.

Então, uma homenagem dessa, de alguma maneira, me estimula, e cria para mim novas motivações.

Eu já rejeitei uma vez um título de comendador. Apareceu-me um português, quando eu era ministro de Lula, representando uma Ordem das mais tradicionais de Portugal, que, segundo ele, já foi dona do Brasil, no tempo do Brasil-Colônia, e disse: eu vim aqui, representando a Ordem, para lhe dar o título de comendador. Eu tomei um susto. Eu não sou muito afeito a isso. Tenho dificuldade até de lidar com a ideia de sala VIP, imaginem comendador. E eu pensei logo: no dia em que eu voltar à Bahia comendador, vai ser uma gozação tão grande, vai dar trabalho. E, aí, disse a ele: Não quero, não. E ele me perguntou: Mas por quê? É uma honraria. Eu não lhe disse,

primeiro porque o camarada era muito reacionário, era a favor de o Brasil voltar a ser colônia de Portugal. Imaginem! “Não quero, não!” Já sabia a gozação que ia ser na praia de Amaralina. “O que vou dizer para o meu amigo que vende rolete de cana nessa praia?” Ele achou que eu era um doido, mas reconheceu o meu direito de não aceitar.

Mas essa eu aceito pelo significado complexo que tem. Primeiro, o reconhecimento de uma trajetória política. Eu estou fazendo 50 anos de atividade pública. Meu primeiro ato político foi a escola onde eu estudava. No golpe de 1964, eles recolheram de lá os livros que eram considerados subversivos. Tinha Caio Prado, Nelson Werneck, Marx, Jorge Amado, era uma lista...pegamos essa lista e criamos um grupo para repor na biblioteca os livros que tinham sido sequestrados, avisamos aos estudantes e conseguimos uma cumplicidade tão grande que a escola nunca soube que os livros voltaram para a biblioteca. Nunca lemos tanto na vida, era uma motivação especial lermos aqueles que tinham proibido e que nós, numa ação claramente subversiva, tínhamos reposto na biblioteca. Essa foi minha primeira ação política e já estava presente aí esse vínculo cultura-política.

Eu não vou recompor toda a trajetória, mas meus 20 anos todo, todo o período em que eu vivi preso, por pequeno tempo, clandestino e exilado... Quando eu comecei essa trajetória, eu tinha 20 anos e terminei com 30, em 1980. Impressionante como as datas, às vezes, falam por si só. Eu vi aqui a referência aos 50 anos do Tropicalismo, 50 anos do Teatro Castro Alves e 50 anos de uma trajetória política que, de alguma maneira, mesmo que eu não tivesse consciência, refletiam o momento em que a Bahia era o centro cultural do Brasil. A resistência à ditadura passou por aqui em ações institucionais, na presença de baianos ilustres, como Mário Alves, Carlos Marighella... (Palmas) E institucional também. A Universidade Federal da Bahia brilhou nesse período, era uma das principais universidades brasileiras e pioneira nessa articulação entre educação e cultura, abriu suas portas para a música, para o teatro, para a dança. Quantas vezes eu, menino, tinha que me esgueirar para entrar na Escola de Teatro para assistir às peças! Não é, Lia Robato? Lia estava lá do outro lado, não me conhecia, mas eu estava lá admirando o trabalho dos nossos artistas.

O primeiro trabalho profissional, quando eu ganhei um dinheirinho, foi de monitor da primeira bienal nacional de artes plásticas na Bahia. A segunda, a ditadura não permitiu, mas a primeira eu tive o prazer, a alegria e a sorte de estar lá, não foi, Juarez? Foi nessa época em que eu conheci esse grande artista baiano Juarez Paraíso. (Palmas)

Depois, veio o exílio. Vou deixar um capítulo à parte para a clandestinidade, porque tem toda uma dramaticidade que exige um tempo para você falar de coisas... É tão forte que quando eu fui para o Chile, já estava indo para o exílio, no ônibus, atravessando a Cordilheira dos Andes, de Mendoza em direção a Santiago, quando passou a fronteira do Chile, os passageiros levantaram cantando a Internacional. Só tinham tupamaros, montoneros, pessoas indo para o exílio dos países do Cone Sul.

E a minha vizinha do lado, que era do Partido Socialista do Uruguai, perguntou-me: “Você é socialista?”. E eu, durante um minuto, tive dificuldade de

dizer, tal era já a adaptação à clandestinidade que eu tinha. Passei um tempo até eu articular que eu era, sim. Estava também na resistência e indo para o Chile buscando um pouco de abrigo.

No Chile, eu morei numa favela, que eles chamam de *población*...

(O homenageado fica emocionado e chora.) (Palmas)

Eu me neguei a trocar dólar, porque quando a CIA – isso está nos registros do golpe – encheu o Chile de dólar para desequilibrar a economia – todo mundo sabia disso –, você trocava 100 dólares e vivia bastante bem. E eu...

(O homenageado volta a se emocionar.) (Palmas)

Eu tinha consciência do que significa ser bem recebido por um outro país, por um outro povo. E eu fui muito bem recebido no lugar onde eu morava.

Um dia passaram *Não é hora de chorar* – um filme fraco – sobre a ditadura e a tortura no Brasil. Os meus vizinhos todos foram lá para casa para se solidarizar com a gente. Eles não acreditavam que no Chile fosse possível acontecer algo parecido.

Depois, com o golpe no Chile, eu fui parar na Suécia. Aí foi um pouco de refresco. A Suécia significou a retomada do meu nome, inclusive. Durante a clandestinidade no exílio no Chile, eu me chamava Francisco Xavier de Almeida. Tinha documentação e tudo.

Na Suécia, quando entrei, procurei as autoridades e disse: “Meu nome é tal”, assumindo, oficialmente, o exílio. Estudei bastante. Nunca tinha lido a Segunda Internacional, os teóricos da Segunda Internacional. Falava mal deles, mas sem conhecer. E descobri uma coisa importante que tem a ver – já estou passando para o futuro, saindo do passado –: estudando os grandes teóricos da social-democracia europeia e russa, os que polemizaram com Lenin... estudei bastante, porque na Suécia basta trabalhar três horas e já se tem um padrão de vida, porque o salário do trabalhador é muito alto. E como eu não queria acumular riqueza, não queria colocar pinguim em cima da geladeira, tapete, usava para estudar. A riqueza que meu trabalho me dava, permitia-me fazer coisas que não fazia aqui.

Eu descobri o seguinte: Lenin tinha a melhor análise de conjuntura do mundo, da crise do capitalismo e da Europa. Ele percebeu que era possível a tomada do poder e se concentrou nisso. Ele tinha razão. Havia a possibilidade, tanto é que a Revolução de 17, depois a tentativa em 2005 e vários outros levantes, operários, soldados, marinheiros, eles tomaram o poder.

Mas os opositores sociais-democratas diziam: “Não é possível construir o socialismo em um só país. Não é possível apressar a história e construir o socialismo antes de condições objetivas. É preciso vivenciar o processo do capitalismo e instalar direitos, estruturas alternativas que possibilitem o desenvolvimento do embrião da futura sociedade socialista.”

Falavam da educação, falavam da preparação da passagem da classe em si para a classe para si. Ou seja, não basta ser operário e trabalhador. É preciso ter consciência e sentimento de missão histórica. E eu tive uma consciência, porque quando voltei ao Brasil, em 1980, percebi que a cultura leninista da Terceira

Internacional ainda era muito forte entre nós. Lenin não teve tempo, porque a missão dele era outra, de desenvolver um grande afeto pela democracia, e na América Latina, e no Brasil em particular, se nós: os sociais-democratas, os socialistas, os comunistas, os liberais de esquerda, não construirmos a democracia, nós seremos, permanentemente, acossados por regimes autoritários, porque não há nenhuma disposição de vivenciar a complexidade da democracia por partes das nossas elites. Essa é uma passagem que ainda não fizemos!

Mesmo os que dizem que o Estado é importante, vide as informações que recebemos diariamente e que me deixam, particularmente, muito triste, nós não soubemos tratar o Estado Brasileiro com a importância que ele tem, com uma sociedade mais justa para uma sociedade democrática, para eficiência, para prestação de serviços para a nossa população, para garantir direitos, para constituir um nível de hegemonia e de coesão social que possibilite à sociedade brasileira avançar na direção de uma sociedade justa, igualitária, generosa, que garanta qualidade de vida.

Qualidade de vida – aprendi com os ambientalistas – esse conceito nasceu dentro do movimento ambientalista, mas eu ultrapasso o conceito ambientalista, porque não basta comer alface e ter acesso a alimentos saudáveis, é preciso ter alegria, ter prazer, ter amor. Tem uma dimensão mais complexa da qualidade de vida e é preciso que a sociedade crie as condições possíveis para que todos tenham acesso. Isso o Brasil não dá para a grande maioria do povo brasileiro. As periferias são acossadas, diariamente, pela violência institucional e pela violência do narcotráfico, e não conseguimos enfrentar esse problema de levar dignidade para todo território, incluindo os bairros onde moram, eu chamaria: nossos vizinhos mais pobres dentro da cidade. E esses vizinhos têm cor, tem historicidade essa divisão, porque a abolição da escravidão foi absolutamente imperfeita e incompleta, e permitiu que a nossa sociedade se constituísse como herança direta, sem nenhuma grande ruptura com o País em que vivemos durante séculos, onde a escravidão era legalizada e onde havia pessoas que eram donas de outras.

Quando voltei fiquei na dúvida, eu passei 10 anos, então disse: Bahia, Rio ou São Paulo? Eu fui a São Paulo e disse: aqui é parecido com a Europa, se eu morar em São Paulo, agora, ainda não voltei. No Rio fiquei hospedado na casa de um amigo onde tínhamos que dormir de um lado do apartamento, porque do lado em que eles deveriam dormir, que era o lado dos quartos, era cheio de marcas de balas perdidas, o armário já tinha... E eu disse: espera aí, aqui está muito pesado para mim que morei na Suécia, um dos países mais tranquilos do mundo.

Aí me reencantei pela Bahia, o termo foi reencantar. Sinto, agora que estou há algum tempo fora... Sonho... (Palmas) Sonho tomando banho de mar na Bahia. As células que produzem meus sonhos, produzem um mar parecendo o do Caribe: azulzinho, transparente, não é exatamente a cor da Bahia, é mais glamouroso, a água é mais fluída.

(Um presente grita: é Guarapoá)

É Guarapoá, mas não é Guarapoá, é mais incrivelmente cinematográfica do que Guarapoá nos meus sonhos.

Confesso que tenho saudade até da esculhambação dessa Bahia, dessa dificuldade que a Bahia tem de se institucionalizar, de respeitar as individualidades. Uma amiga sueca veio me visitar aqui, rodou metade do Brasil, ela me mandou uma carta, quando voltou, dizendo o seguinte: na Bahia a individualidade não existe: Uma vez, eu estava no ônibus conversando com uma pessoa do lado, e eu notei que quem estava em pé no ônibus estava inclinado, escutando a minha conversa, e de repente, um cara, em pé, se meteu na conversa e disse: “Não, isso não é possível” (Risos). Eu dei muita risada, porque é inimaginável para os suecos esse grau de permissividade, de entrar na sua intimidade, eles não fazem isso. E eu disse: “É a Bahia, companheiro, é outra coisa”. Então, eu me reencantei com a Bahia. Foi bom eu ter me disponibilizado saber qual é de mesmo e me reencantar. E eu fui trabalhar na Fundação Cultural e tive muita sorte por isso.

Eu queria lembrar aqui Geraldo Machado. (Palmas) Não só ele, Lucinha, minha amiga aqui de militância, Zivé, também era da Fundação nessa época, muita gente, eu aprendi muito. Eu tenho o costume de prestar atenção em tudo o que acontece em torno de mim e depois processar. Mas, Geraldo era o Líder, Geraldo ajudou na transição democrática, justamente nesse ano, 1980, 1981, 1982, a percebermos a importância dos blocos afros, afoxés e a emergência do movimento negro na Bahia, que era ignorado completamente até então. Era um governo conservador, mas ele tinha carta branca e grandeza para construir processos importantes. Aprendi muito com ele, com Eulanter, com outras pessoas que convivíamos ali, com Pasqualino Magnavita.

Então, essa minha trajetória de gestor cultural começou exatamente no momento do meu retorno à Bahia. A complexidade da cultura aqui no Estado é de uma riqueza, de uma grandeza tão grande, e eu via aquela tranquilidade com que Geraldo administrava a dificuldade de atender todas as demandas, mas acolhia todas as demandas e processava aquilo para que o Estado se preparasse para, em algum momento, atendê-los.

Eu me lembro que um cara saiu... eu tinha uma expectativa que desse certo e eu perguntei: “E aí, conseguiu?” Ele disse: “Não, mas o presidente da Fundação é genial, não é?” (Risos). Ou seja, ele não conseguiu nada, mas saiu satisfeito com o nível de respeito, acolhimento e profundidade com a questão que ele tratou.

Depois eu me dediquei muito às questões ambientais.

Eu não vi ainda, mas acabo de saber que a senadora Lídice da Mata está presente, a quem agradeço também. (Palmas) Tenho orgulho de ter sido a primeira pessoa do mundo político a ter apoiado a ideia da candidatura de Lídice da Mata à prefeita da Cidade do Salvador. Eu escrevi um artigo chamado “*Lídice que te quero verde*”. Eu disse: “Lídice, assuma a plataforma ambiental da cidade que aí fica completa a sua possibilidade”. Não foi, Lídice? Eu me sinto orgulhoso de ter feito isso.

Pois bem, quando Gil me chamou eu não quis ir. Resisti, resisti, aí Gil, com a capacidade de sedução dele, disse: “Juca, eu preciso de você, você tem que ir comigo”. Aí, eu acabei indo. Quando nós chegamos no Ministério não existia

Ministério da Cultura, nunca tinham feito nada de relevante, e já tinha quase 20 anos de existência do Ministério, não sabiam nem qual era a missão do Ministério, eles pensavam que era paparicar artista consagrado. Nunca tinham se envolvido com nenhum processo cultural profundo desse País. Os índios não existiam, a cultura dos povos indígenas não existia. A dimensão da cultura oriunda da África, dos brasileiros que mantiveram, transformaram e ressignificaram. O que veio de lá, junto com os escravizados, também passava ao largo. E olhe que passou muita gente interessante no Ministério da Cultura, por exemplo: Celso Furtado, Francisco Weffort. Você pesquisa, não fizeram nada. Celso Furtado escreveu um artigo: “*A Economia da Cultura*”, que tem uma importância, porque ele foi um certo precursor no Brasil de chamar a atenção para a economia da cultura, e o artigo é bom, sobrevive até hoje.

Mas, na verdade, nós éramos do Ministério da Cultura do governo Lula. A conversa mais significativa no primeiro mês aconteceu quando fui, junto com Gil, no Ministério do Planejamento, disputar recursos com o Ministério, porque era o menor orçamento. Era tão pequeno o orçamento do Ministério da Cultura que 70% era gasto em água, luz, pagamento de pessoal, porque o que sobrava era insignificante.

Mas também não tinha muito desejo de intervir, de dar contribuição do Estado no desenvolvimento cultural do País. Não tinha nada previamente definido, nem a missão. E nós fomos no Ministério do Planejamento, onde, orgulhosamente, os técnicos do Ministério disseram: “Nós vamos manter a sede histórica”. Essa é uma linguagem de burocrata que quer dizer que iriam manter aquele padrão medíocre que eles previam dentro do orçamento da República para a cultura.

Nós demos um pinote, eu e Gil. Quase que uníssonos, levantamos e dissemos: “não, senhora, Lula veio para fazer rupturas. O Estado tem que ganhar outro significado. A cultura é central no projeto de nação”. Gil – poucas vezes eu o vi inflamado – e eu saímos de lá com uma promessa de que iriam rever o orçamento. Foi tão importante essa batalha, que saímos de R\$287 milhões – a sede histórica era R\$ 287 milhões, era zero vírgula qualquer coisa dos recursos da República. E nós chegamos, em 2010, com R\$ 1 bilhão e 300 milhões de orçamento, “n” vezes se nós conseguirmos multiplicar.

Às vezes éramos até indelicados. Uma vez Lula estava falando, andando de um lado para o outro, viu Gil, os ministros estavam atrás dele, e disse: “Quero aproveitar a ocasião para pedir que o Ministro Gilberto Gil e seu secretário executivo...” – eu estava sentado na frente – “... não fiquem me pedindo mais dinheiro para a cultura, publicamente. Vocês não são líderes sindicais. Isso me cria dificuldades”. Aquilo foi uma forma de dizer “moderem”. Mas ele foi o cara mais insensível no sentido de que a cultura devia ter uma importância diferente.

E nós tivemos que definir, ampliar o conceito de cultura. Cultura não é só arte, cultura é uma complexidade, toda a dimensão simbólica do País. É uma complexidade enorme. Vai de manifestações tradicionais, dimensão religiosa, valores, fazeres, tecnologias, até a arte, que eu diria que é o epicentro dessa complexidade, é a parte mais elaborada, mais complexa da construção dessa dimensão civilizatória que todo país tem que ter. (Palmas) Senão vira Porto Rico: foi assimilado pelos Estados

Unidos e não tinha personalidade suficiente para se manter enquanto nação independente, virou um Estado americano. O México só não vira, porque é um país muito forte, muito denso culturalmente. Mas fizeram um pacto através da ALCA, que praticamente fica ali.

E um grande político do PSDB, uma vez dando aula – eu estava assistindo e anotei – disse que na globalização não era mais possível a soberania de uma Nação. O Brasil precisava, como o México – foi dito assim –, buscar uma subalternidade privilegiada. Arrepiaram-me todos os cabelos. Já pesquisei para ver se ele escreveu. Ele não escreveu, então eu não quero entrar aí, preciso ter sustentabilidade nas minhas polêmicas...

Mas o que eles fazem é isso. Estão buscando, agora, interromper um processo de construção de uma soberania século XXI que o Brasil vinha construindo, para um alinhamento automático. O que nos salva é o maluco do Trump, que não permite ninguém embaixo da asa dele. Os Estados Unidos querem construir um muro, não só com o México, mas com todos os latino-americanos. Ele já disse que nós somos lixo, disse que o Brasil é um lixo. Ele já declarou isso. Isso nos salva.

Voltando ao Ministério, tivemos de constituir... Primeiro, ampliamos o conceito de cultura; depois, a missão, que é muito importante. Quem acha que o Estado é fundamental para a construção do país que queremos não pode tratar o Estado brasileiro como nós tratamos, igualzinho à direita. Não é possível isso. Tem que haver uma ética da coisa pública, que o Brasil não desenvolveu suficientemente. (Palmas)

Toda vez que, de alguma maneira, privatizamos o Estado brasileiro estamos tendo um comportamento de direita. E toda vez que a esquerda e os democratas têm comportamento de direita quem ganha é a direita.

Isso é tão profundo no Brasil que quando eu era secretário do Meio Ambiente desta cidade, pela Carta da Cidade havia em Itapuã uma praça, que já não existia mais. Os vizinhos se reuniram, dividiram a praça em tantas fatias entre eles, como numa pizza, e cada um ficou com um pedaço. Quando cheguei lá disse que daria uma semana para quebrarem as cercas, senão levaria a Polícia Militar para recuperar para a dimensão pública o que eles privatizaram. Apareceu um posudo sargento da Aeronáutica que disse: “Sou sargento da Aeronáutica e o senhor não fará isso”. Eu disse: “Farei”. Chegamos lá com a Polícia Militar, com trator, Sucom...

É uma mentalidade generalizada de que o que é público não é de ninguém. Não! O que é público é de todo mundo, é muito mais forte do que a propriedade privada, o significado é muito mais profundo. Na verdade, nós refletimos um grau de consciência baixo sobre a dimensão pública no Brasil. Parte dos problemas que temos advém disso. Se tivéssemos nos comportado de uma forma diferenciada e correspondido à expectativa do povo brasileiro não estaríamos vivendo essa crise que vivemos nesse momento, o golpe não teria sido possível. (Palmas)

Mas quando puderam desmoralizar as forças de esquerda, que encaminhava um dos maiores programas de redução da desigualdade no Brasil... Porque eles fingem que são sensíveis aos nossos erros, mas, na verdade, o golpe foi dado para interromper os acertos. O Brasil incluiu 50 milhões de brasileiros na economia,

institucionalizou direitos, abriu perspectivas de construção de igualdades regionais. O Nordeste nunca cresceu tanto quanto nos governos Lula e Dilma, e sem tirar grandes coisas deles.

Acho até que poderíamos ter tirado mais, termos ousado mais na distribuição de renda, termos enfrentado certos temas que foram evitados por causa da reação. Mas não tem jeito. Quando lidamos com classes usurárias e gulosas, como são nossas elites, é preciso que o Estado se afirme junto a elas no sentido de criar marcos civilizatórios para a Nação.

Os impostos, ao final, quem paga mais são os assalariados. Não temos coragem de tributar as heranças. A sonegação é gigantesca desses que se dizem defensores da democracia, os meios de comunicação, as grandes empresas brasileiras e as que se instalaram aqui. É gigantesca! Daria para pagar a diferença da Previdência Social entre receita e o que gasta se tivéssemos uma racionalização minimamente satisfatória.

E nós tivemos a coragem de ser diferentes no Ministério da Cultura. Isso graças a um gigante da cultura brasileira, que é Gilberto Gil. Gilberto Gil não é só compositor ou músico. Se fosse só compositor e músico já seria um gigante. Mas Gil tem noção. Da geração dele talvez seja, vou usar um termo que é complexo, mas, ao mesmo tempo, tem a ver com o que quero dizer: é o mais politizado de todos daquela geração. É o que tem noção do todo, da sociedade, da importância da cultura, da possibilidade que o artista tem, com seu capital simbólico, de emprestar seu prestígio para processos. E ele fez isso com uma lucidez enorme. Tinha prejuízo econômico, um show dele era mais ou menos o que recebia como ministro. Sofria pressões, porque muita gente vive do seu trabalho. E Gil foi gigante nesse sentido de assumir a missão que lhe foi dada. Era nosso *outdoor*, nosso escudo protetor e era nosso aríete, porque não abriríamos porta sem esse grau de compromisso que ele teve.

E eu tinha uma função, era o segundo, o que os latino-americanos chamam de vice-ministro, aqui é secretário-executivo. É claro que não era para colocar Gil amarrando os nós no dia a dia, seria uma burrice. Primeiro, porque ele não é bom nisso, ele é bom em outras coisas; segundo, porque com a preciosidade que é a presença de Gil no ministério, colocarmos ele para dentro seria um equívoco absoluto. Aí a bola quicou na porta da minha sala para eu assumir a responsabilidade de complementar o trabalho dele, e fiz. Não sabia tudo, o método foi muito importante: ouvir, chamar para participar.

Na segunda conferência realizada na minha época, já como ministro, mais de 200 mil pessoas participaram diretamente, mais de 80% dos municípios brasileiros tiveram alguma atividade ligada à Conferência de Cultura no Brasil. Daí saiu o Plano Nacional de Cultura, o Sistema Nacional de Cultura, daí saiu a afirmação dos pontos de cultura como uma linha absolutamente necessária para dar apoio e sustentação para o protagonismo cultural da sociedade. Dessas conferências, participaram o povo de terreiro do Brasil inteiro, os povos indígenas, misturados com intelectuais de primeira linha. E era interessante ver a dificuldade de falar a mesma língua entre pessoas de extratos mais sofisticados e mais abstratos da cultura com o pessoal que

carrega nas costas tradições e representações simbólicas de segmentos da sociedade brasileira.

Hoje, o que fizemos no ministério é reconhecido no Brasil e fora dele. É impressionante como há um reconhecimento. E nós ajudamos a fortalecer uma cidadania séc. XXI. Depois que Dilma foi afastada, rodei o Brasil, não pude atender todos os convites, mas fui a capitais e cidades do interior participando de debates. E descobri coisas incríveis. Descobri, por exemplo, essa força que as mulheres mostraram anteontem, a força que as mulheres mostraram na posse de Trump, a força que as mulheres mostram na oposição à reforma da previdência, já que vão ser as maiores prejudicadas, vão ter que trabalhar mais 15 anos do que trabalham hoje. Vi tudo isso nessa circulação que fiz agora. Já sabia, evidente, mas nada como receber o influxo de quem está empoderado de processos simbólicos e de consciência. Os povos indígenas presentes do Maranhão, Acre, Goiás, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, São Paulo, todos dizendo a mesma coisa, que fomos fundamentais para a consciência e mobilização deles.

A cultura tem uma irmandade com a educação, mas a cultura tem uma irmandade com a política. Porque a grande arte, inevitavelmente, é crítica às injustiças, às insensibilidades, às desumanizações, às relações perversas com o meio ambiente. Inevitavelmente, mesmo que não esteja falando disso, a arte e a cultura trazem em si o embrião de uma nova humanidade. E isso foi importante para mim.

Fui convidado para falar em 9 países. Eles queriam entender se era possível esse golpe reacionário chegar aos seguintes países: Equador, Colômbia, Bolívia, Argentina, Uruguai, Peru. Não pude atender a todos os pedidos de comparecimento. Não pude ir a vários países como, por exemplo, o México na América Latina e outros, na Europa também.

Hoje, nós constituímos um território do campo político. Mas, para mim, isso dá um significado especial em relação a esta homenagem aqui, pois, em grande maioria, os nossos políticos e todas as famílias políticas, infelizmente, ainda, não conseguem compreender a grandeza da cultura e da arte para constituirmos o Brasil que queremos. (Palmas)

Eu havia feito um discurso que vou entregar ao deputado para colocar na página. Engatei a primeira. Isso acontece com muita frequência. Preparo, sempre, um discurso. Mas quando se está tomado pela emoção é diferente. E só os artistas sentem isso mais do que nós, pois operamos na área política. O influxo, vindo de lá, é decisivo para a qualidade do que a gente quer.

Então reconheço estarmos vivendo um dos momentos mais graves da sociedade brasileira. Não sou professor. É um pouco de desabafo e um pouco de reconhecimento da importância disso aqui, melhor, deste ato. A gravidade do momento não é pela crise econômica em si, como eles querem fazer parecer. A crise econômica é grave, mas isso se arranja.

Fui assistir a um seminário sobre a América Latina quando passei esses dois anos como embaixador da Secretaria Geral Ibero-Americana produzindo o Ano Internacional dos Afrodescendentes. À época, um economista espanhol disse: “A crise

econômica do Brasil não me preocupa. O Brasil está condenado ao sucesso.” Fiquei impressionado com a frase dele, porque ela tem a ver com a realidade.

O que me impressiona é a facilidade com que interromperam o processo democrático brasileiro. Foi um golpe. Não adianta. Não tem discussão. Não quero perder tempo, porque agride meus neurônios. As condições necessárias previstas na Constituição, para a retirada de um presidente ou de uma presidente do governo, não foram dadas. No dia em que a presidente foi ao Senado, não tiveram coragem de dizer-lhe que ela era corrupta ou que ela tinha praticado um crime de responsabilidade. Tanto isso é verdade que não a condenaram, explicitando-se a mesquinhez do feito.

Em países onde a democracia é mais sólida, mesmo quando um governo está tendo dificuldade de dar as respostas corretas, há uma espécie de pacto nacional para buscar uma saída onde, às vezes, cumpre, à oposição, o interessante papel de levantar questões não consideradas importantes, até então, por parte de quem está no governo.

Mas, ao se romper o processo democrático, o Brasil corre o perigo de voltar aos períodos da lambança, da dificuldade de ter regras, de ter legislação, de que todas as correntes políticas e ideológicas possam ser representadas no processo político e eleitoral.

Por exemplo, querem inviabilizar a presença do presidente Lula no processo eleitoral. Parte do ânimo do golpe é, exatamente, esse, porque eles já haviam perdido quatro eleições. Todas as pesquisas indicam que, no Brasil, eles não ganham em condições normais de temperatura e de pressão da democracia com esse projeto impopular que eles têm. (Palmas) Não ganham. Bem, eles queiram ou não, o presidente Lula galvaniza as esperanças e o sentimento de futuro deste País. Cometeu erros? Cometeu. O governo cometeu muitos erros.

Mas é uma mentira tentar caracterizar as dificuldades de respeito à coisa pública como um problema do PT. Na verdade, alguns do PT se aproximaram do *modus operandi* tradicional e, por consequência, as atuais e futuras revelações mostram que ele é generalizado. Não se aprova nada no Congresso se não houver o financiamento de *lobbies* por trás.

A promiscuidade entre o poder econômico e a representação política é imensa no Brasil.

E o grande erro foi não ter feito a reforma política que possibilitaria que nossa democracia desse um salto na capacidade de representar os anseios, as necessidades e as ideias da população. (Palmas) Dois dias depois da presidenta eleita, eles já estavam desenvolvendo a estratégia de cerco e aniquilamento para inviabilizar o governo. Isso é criminoso do ponto de vista da nossa democracia. É criminoso!

Mas eu sou otimista a médio e longo prazos. Será que vão conseguir botar de novo, enjaular as mulheres no ambiente doméstico como alguns querem, inclusive o nosso presidente? Conseguem? Será que vão fazer com que a consciência acumulada pelos que lutam contra o racismo e pela igualdade de direitos e condições aceite isso de novo, em vez de avançar, mesmo que lentamente? É o caso, mas retroceder e

constituir uma sociedade legalmente de desiguais?! Será que eles acham que a juventude vai abdicar do futuro e viver essa mediocridade que eles nos oferecem?

Mesmo que eles tenham quase a totalidade do Congresso, é porque financiaram a campanha de 140. Quem diz isso não sou eu, não. É aquele Yunes, amigo, conselheiro pessoal e operador do presidente Temer. Ele disse que, antes das eleições, houve uma movimentação de recursos de várias empresas para financiar a eleição de 140 parlamentares e possibilitar que eles tivessem força para derrubar a presidenta legalmente eleita. Nisso eles têm força, porque ainda não no País há uma estrutura de representação política suficiente para parar essas iniciativas golpistas e constituir, de fato, processos de modificação da realidade.

E olhem que Lula não mexeu em quase nada! Não mexeu em quase nada! Tirou um pouco das elites para distribuir com o andar de baixo da sociedade. Institucionalizou direitos, reconheceu que o Estado tinha de absorver a representação dessas demandas sociais através de Secretarias das Mulheres, da Igualdade Racial, etc. Mas mexemos muito pouco. Talvez quem tenha mexido mais fomos nós do Ministério da Cultura. E, mesmo assim, é inaceitável para as nossas elites viver um ambiente democrático.

Mas, se eles pensam que vão poder jogar nas costas dos trabalhadores e do povo pobre as reformas que querem fazer e os retrocessos institucionais que querem desenvolver, aí é que começa o meu otimismo. Não há possibilidade. Pode demorar. Tenho medo que demore demais, e eles rebaixem excessivamente a vida política brasileira. Está uma lama! Uma lama você num Parlamento ter a quantidade de parlamentares já denunciados, e muitos sabendo que mais cedo ou mais tarde serão denunciados no nível em que está! Já não se fala mais em maioria.

Eu sou otimista. Acho que a gente ainda vai sofrer, vai ter muita dificuldade. O povo brasileiro é lento na conscientização e na mobilização. Se o povo brasileiro tivesse a inteligência na política que tem na cultura, não tinha pra ninguém. Mas nós somos lentos na política, demoramos muito. Foi massacrante a imprensa quase por unanimidade, o Judiciário, o Ministério Público, a Polícia Federal e o Parlamento construindo as condições para fazerem a ruptura. Vejo pessoas produtivas e decentes por quem tenho o maior afeto - sei que são importantes para a vida no dia a dia do Brasil - repetindo essas mesmas ... - Já ia falando um palavrão! Não pode, não é? (...) bobagens com que a *Veja* e esses babacas tentam caracterizar o Brasil. O Brasil é muito maior do que eles!

E o projeto social e político para o Brasil é inaceitável! Não sou que estou dizendo. É a grande maioria do povo brasileiro que não aceita isso.

Acho que vamos ter ainda muita batalha, muita luta, mas o povo brasileiro vai sair vitorioso e mais forte porque aí, sim, vamos fazer a reforma política, vamos fazer a reforma tributária. Também vamos enfrentar as imperfeições do sistema previdenciário, mas garantindo o direito à aposentadoria dos que trabalham no Brasil.

Vamos fazer justiça tributária, coisa que não existe no País. Eles ficam reclamando que o imposto é alto no Brasil; vão morar na Suécia, vão montar empresa na Suécia pra eles verem o que é. Tem uma parte do argumento que é verdadeiro, pois

o serviço que nos dão de retorno é de baixa qualidade, por isso é importante que a gente tenha o compromisso de modernizar, dar eficiência e eficácia ao Estado brasileiro. Herdamos um Estado escravagista, fruto de um empreendimento colonial; o Estado das elites que não sabe lidar com as demandas e necessidades da grande maioria do povo brasileiro.

Então, vamos construir um novo Estado. Sou a favor de algo que já foi dito aqui pelo querido deputado Marcelino Galo, sou a favor das diretas já, (palmas) porque não há possibilidade de restabelecer o processo democrático elegendo os representantes desse processo ilegítimo que está aí.

Muito obrigado a vocês. Agradeço a presença de todos e digo que me sinto honrado. Agora posso enfrentar o vendedor de rolete de cana, lá de Amaralina, e dizer a ele: “Oh, irmão, não venha não porque pra mim foi muito caro essa medalha e esse reconhecimento”.

Muito obrigado a vocês. (Palmas. Muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço ao agora comendador Juca Ferreira.

Aproveito para registrar uma presença especial, que muito ajudou na organização deste evento, a guerreira Bete Wagner. (Palmas) Registro também a presença do deputado Bira Corôa. (Palmas) Aqui também esteve a senadora Lídice da Mata; ela não pôde ficar porque ia em um evento.

Antes de encerrar com o Hino da Bahia, gostaria de dizer a vocês que vai haver uma apresentação de samba no saguão ao lado do Plenário, com o Os Vendavais, do mestre Nelito, que está ali.

Agora convido a todos os presentes para ouvirmos o Hino da Bahia.

(Execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Em nome da Assembleia Legislativa da Bahia, agradeço pela presença das autoridades civis, militares, amigos e familiares do homenageado, das senhoras e senhores, dos deputados, da imprensa. Declaro encerrada a presente sessão!

Viva a Juca Ferreira, viva à cultura e viva à democracia!

(O Plenário se manifesta.)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.